

Nas notas esparsas no fim do volume encontramos curiosas páginas em que o Autor narra as suas vicissitudes como candidato a cargos eleitorais, em que vemos as atribuições de um politico à cata de votos. Muitas dessas páginas dir-se-iam escritas hoje em dia.

A obra só nos decepcionou num ponto: aguardávamos grandes revelações sobre os homens e coisas do fim do Segundo Império nessas *Memórias* inéditas, lacradas e depositadas sob sigilo no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro durante cinqüenta anos, mas nada encontramos que não pudesse ter sido publicado na época. Talvez questão de perspectiva dos acontecimentos vistos mui posteriormente ou expurgos que não acreditamos que os houvesse, tal é a proverbial honestidade do nosso Mestre Taunay que organizou o manuscrito para publicação, porque se expurgos tivessem havido ele o teria dito.

Concluindo, recomendamos a leitura dessa obra que muito nos agradou e que explica muita coisa da nossa História na segunda metade do século XX.

E. SIMÕES DE PAULA

* *

MAGALHÃES JÚNIOR (Raymundo). — *Três Panfletários do Segundo Reinado*. Brasiliense, vol. 286, Companhia Editôra Nacional. São Paulo, 1956, 277 págs.

Ainda há pouco dávamos aqui notícia dos excelentes serviços que Raymundo Magalhães Júnior vem prestando aos estudiosos da nossa história e da nossa literatura com a publicação dos seus trabalhos sobre Artur de Azevedo, Machado de Assis e com a *Correspondência* de D. Pedro II à Condeessa de Barral. Agora acaba ele de enriquecer a *Brasiliense* com um importante livro — *Três Panfletários do Segundo Reinado*.

Neste trabalho reuniu o Autor, três importantes panfletos, raríssimos hoje, do reinado de D. Pedro II: o de Francisco de Sales Torres Homem — *O Libelo do Povo*, aparecido em 1849 sob o pseudônimo de Timandro; o de Justiniano José da Rocha — *Ação; reação, transação*, publicado em 1855 e a *Conferência dos Divinos*, que saiu anonimamente em 1867 mas que logo seria reconhecida por Quintino Bocaiuva (figura que Magalhães deveria estudar) como sendo da autoria de Ferreira Viana.

“Só à custa de muito esforço e de muita paciência”, diz justamente Magalhães Júnior, é que conseguiram os estudiosos de assuntos históricos brasileiros obter exemplares desses documentos que são, no entanto, de grande importância para a compreensão da história política e para a história das idéias do Império. Só agora, graças à publicação de Magalhães Júnior foi-me possível ler o trabalho de Justiniano José da Rocha que eu, há muito procurava.

A cada um dos trabalhos agora enfeixados em livro, o Autor juntou um longo e cuidadoso estudo sobre os panfletos e seus autores. Bem sabemos que as notas de pé de página, por vezes aborrecem. Mas, em uma nova edição de seu livro, desejaríamos que Magalhães Júnior ajudasse ainda mais quem o lê, acrescentando em notas, as fontes, que são sempre preciosas para os leitores ver-

dadeiramente estudiosos. E mais rica ficaria a edição, se fossem reproduzidas às páginas de rosto das edições utilizadas, assim como reproduzidas também algumas das páginas do texto. Seria mais uma contribuição para a história da tipografia no Brasil.

De grande proveito é, no entanto, a leitura desse importante instrumento de trabalho que Raymundo Magalhães Júnior acaba de publicar na *Brasiliana*.

J. CRUZ COSTA

* *

FUNDAMENTOS DA CULTURA RIO-GRANDENSE. Primeira série. Textos de Athos Damasceno, Balduino Rambo S. J., Carlos Dante de Moraes, Darcy Azambuja, Graciema Pacheco, Guilhaermino César e Manuelito de Ornellas, reunidos, com uma bibliografia por João Francisco Ferreira; prefácio de Luiz Pilla. Edição da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1954. 218 páginas.

As Faculdades de Filosofia (já numerosas em todo o país) têm uma finalidade triplíce: preparar trabalhadores intelectuais para o exercício das altas atividades culturais de ordem desinteressada ou técnica, preparar candidatos ao magistério do ensino secundário, normal e superior e realizar pesquisas nos vários domínios da cultura que constituem o objeto de seu ensino. Com pequena diferença de palavras, tais objetivos figuram nos regulamentos de todas as escolas dessa natureza que no Brasil se criaram a partir de 1934. Se a maioria delas esqueceu ou deixou de cumprir algumas dessas finalidades, isto é outra história, cujos motivos não cabem ser examinados aqui. Mas devemos ficar realmente contentes quando encontramos uma que seja a lembrar a alta responsabilidade que lhes cabe, principalmente em face do povo que, afinal, é quem sustenta as escolas oficiais. Entre estas está a Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul. Em 1954 o diretor dessa instituição, Prof. Luiz Pilla teve a iniciativa feliz de um curso sobre "Fundamentos da Cultura Rio-Grandense", que não ficou apenas no projeto mas foi realizado, dele se incumbindo alguns nomes dentre os mais respeitáveis da cultura gaúcha. Com esse curso "voltou-se a Faculdade de Filosofia do Rio Grande do Sul para os interesses de seu meio, disposta a fornecer ao homem, e ao povo de seu Estado, o auxílio e os conhecimentos de que ele necessita para saber de onde veio, onde está e como deve agir para se pôr realmente em ligação com a terra e com os seus semelhantes" (do prefácio). Destinou-se o curso a ser um "largo levantamento" do Rio Grande do Sul e com a continuidade nos anos seguintes, dentro de pouco tempo constituiria valiosa contribuição ao conhecimento daquela importante região de nosso país. Não sabemos se a idéia foi continuada. Se não foi, só temos a lamentá-lo. E se foi, só almejamos que bem depressa venham a público os volumes respectivos, pois a amostra que nos foi dada com a publicação do primeiro curso, muito nos faz esperar. É sabido que há no Rio Grande do Sul uma excelente "equipe" de pesquisadores que muito têm feito nos domínios da história, da literatura, da sociologia, da etnografia, da geografia, da economia e de outros setores da atividade cultural relativa aos pagos do Sul. Essa